

FONÉTICA E FONOLOGIA: OCORRÊNCIAS DE MONOTONGAÇÃO, DITONGAÇÃO E SEUS AMBIENTES

Eric de Menezes Basso¹

Camilo Augusto Giamatei Esteluti²

69

Resumo:

Os fenômenos linguísticos de monotongação e ditongação estão presentes na fala das pessoas e muitas vezes acabam se materializando em sua escrita. Trata-se de dois fenômenos que não recebem a merecida atenção por parte dos atores do processo de ensino e aprendizagem, no decorrer do Ensino Fundamental II. Por isso, o objetivo deste artigo foi apresentar uma análise fonética e fonológica acerca de tais processos na escrita de alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Cosmorama-SP, com a finalidade de descobrir qual fenômeno linguístico é mais corriqueiro entre eles e quais os ambientes que proporcionam tais apagamentos ou inserções de semivogais. A metodologia utilizada consistiu na aplicação de 58 atividades planejadas de retextualização, que possibilitaram a aparição de alguns casos de escrita monotongada e outros casos de escrita ditongada. As análises realizadas permitiram verificar a ditongação como fenômeno mais ocorrente, com um total de 62 incidências, e a monotongação com 49 incidências. Quanto aos ambientes que propiciam monotongação, diante da catalogação feita nas atividades, corroborase com Cavaliere (2005) com os seguintes ambientes: monotongação de /ay/ em sílabas iniciais e mediais e perante palatal (/j/); /ey/ em sílabas mediais e perante tepe (/r/); houve um caso de monotongação de /ay/ perante vogal /a/; ditongo /ow/ é sempre monotongado nas sílabas iniciais e finais. Já para as ocorrências de ditongação, diante da catalogação feita nas atividades, corroborase com Aquino (2004): os ambientes que propiciam as ocorrências de ditongação são: alveolar surda (/s/) e alveolar sonora (/z/); em monossílabos átonos e tônicos; identifica-se a ocorrência de ditongação perante plosiva bilabial (/p/), tepe alveolar (/r/) e nasal palatal (/ɲ/).

Palavras-chave: linguística; fonética; fonologia; monotongação; ditongação.

Resumen:

Los fenómenos lingüísticos de monoftongización y diptongización están presentes en el habla de las personas y muchas veces terminan materializándose en su escritura. Son dos fenómenos que no reciben la atención que merecen por parte de los actores del proceso de enseñanza y aprendizaje, durante la Enseñanza Básica II. Por lo tanto, el objetivo de este artículo es presentar un análisis fonético y fonológico sobre tales procesos en la escritura de alumnos de la enseñanza fundamental de una escuela pública del municipio de Cosmorama-SP, con el fin de descubrir cuál fenómeno lingüístico es más común entre ellos. y qué entornos proporcionan tales eliminaciones o inserciones de deslizamientos. La metodología utilizada consistió en aplicar 58

¹ Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Graduado em Letras. E-mail: eric.menezes1212@gmail.com

² Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Docente do curso de Letras. E-mail: camiloesteluti@gmail.com

actividades de retextualización planificadas, lo que permitió la aparición de algunos casos de escritura monoftongica y otros casos de escritura diptonga. Los análisis realizados permitieron verificar la diptongación como el fenómeno más frecuente, con un total de 62 incidencias, y la monoftongización con 49 incidencias. En cuanto a los ambientes que favorecen la monoftongización, dada la catalogación realizada en las actividades, lo corrobora Cavaliere (2005) con los siguientes ambientes: monoftongación de /ay/ en sílabas inicial y medial y en palatal (/j/); /ey/ en sílabas medias y antes de tepe (/r/); hubo un caso de monoftongación de /ay/ antes de la vocal /a/; El diptongo /ow/ siempre se monoftonga en las sílabas inicial y final. En cuanto a las ocurrencias de diptongación, a la vista de la catalogación realizada en las actividades, se corrobora con Aquino (2004): los ambientes que favorecen las ocurrencias de diptongación son: alveolar sordo (/s/) y alveolar sonoro (/z/); en monosílabos átonos y acentuados; identificamos la ocurrencia de diptongación antes de oclusiva bilabial (/p/), toque alveolar (/r/) y nasal palatal (/ɲ/).

Palabras clave: lingüística; fonética; fonología; monoftongización; diptongización.

INTRODUÇÃO

A linguística possui vários objetos de estudo, todos muito ricos e importantes de se serem estudados. Porém, por se tratar de um artigo e haver pouco espaço para abordar cada processo, optou-se por trabalhar com dois processos da área de fonética e fonologia: monotongação e ditongação.

No dia a dia, fala-se de forma tão rápida e despercebida que não é reparada a forma com a qual se fala com os outros. É esse fato que faz que esses processos, monotongação e ditongação, não recebam a devida atenção.

Cunha (2017) diz, no tocante a essas atividades, que a própria complexidade da alfabetização está ligada ao caráter subjetivo da cognição e, além disso, é agravada pela associação e interferência entre a língua falada (experiência comunicativa das pessoas) e a língua escrita.

Sendo assim, ao realizar este estudo com as devidas orientações, buscou-se averiguar se há ocorrências desses processos, quais são os ambientes que os propiciam e tentaram-se buscar hipóteses sobre o porquê de eles ocorrerem.

O aporte teórico utilizado tomou como base os estudos de Aquino (2004), Camara Jr. (2011), Cavaliere (2005), Cristófaró (2017), Hora e Aquino (2012), Marcuschi (2010) e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015). Eles subsidiaram a análise de 58 atividades planejadas de retextualização, que possibilitaram a aparição de alguns casos de escrita monotongada e outros casos de escrita ditongada.

1 FONÉTICA E FONOLOGIA

Em termos gerais, pode-se dizer que, tanto a fonética quanto a fonologia tratam do estudo da emissão-produção de sons da fala, mas cada um desses pilares possui suas particularidades, sendo o primeiro pautado na parte descritiva sonora e o segundo na parte de combinações e possibilidades de formações de palavras.

Para Camara Jr. (2011, p. 147 – adaptado):

Fonética é o estudo da fonação. A fonética dita como descritiva nos dá os efeitos acústicos elementares que nossa audição apreende como unidades sônicas, ou SONS DA FALA, produzidos pela articulação dos órgãos fonadores. É de cada som da fala que se depreende o fonema. A fonética, para obter a realidade física integral do som da fala e da sua concatenação num vocábulo ou frase, apoiou-se a princípio, exclusivamente, numa especial educação auditiva, por parte do foneticista, e no exame introspectivo do seu próprio jogo articulatório ao falar. Depois surgiu complementarmente o emprego de aparelhos especiais na chamada fonética experimental ou de laboratório. Esses aparelhos ora estudam a articulação dos órgãos fonadores, como acontece com o quimógrafo, ora estudam as vibrações do ar que resultam da emissão dos sons vocais, como acontece com o aparelho registrador chamado espectrógrafo.

A fonética estuda, analisa e descreve a produção de cada som da fala. Essas análises permitem que se observe o processo de articulação de cada unidade sonora da fala (o como cada som é realizado), considerando cada constituinte do aparelho fonador (cavidade nasal, palato duro, véu palatino, lábios, cavidade bucal, língua, faringe oral, epiglote, abóboda palatina, rinofaringe, traqueia, esôfago, laringe, maxilar superior e inferior) e suas necessidades para a produção de cada som específico (passagem total do ar, passagem parcialmente obstruída etc.). Esta esfera de estudo se detém apenas na observação sonora da fala.

Segundo Camara Jr. (2011, p. 147-148 – adaptado), a fonologia é:

Termo usado, conforme o tratadista, em sentidos diversos e até contraditórios: 1) como a descrição dos sons de determinada língua, o que foi critério de Sievers (Hempl, 1897, 61), enquanto a fonética passa a ser a ciência geral da fonação; 2) como essa ciência geral sob seu aspecto descritivo, o que foi critério de Saussure (Saussure, 1922, 55), denominando-se fonética apenas a fonética histórica; 3) como a ciência do valor dos sons da fala, o que foi o critério da escola linguística de Praga (Trubetzkoy, 1949), focalizando o estudo do fonema, em equivalência do que a escola linguística norte-americana chamou fonêmica. Hoje há uma nítida tendência universal para considerar: a) a fonêmica, o estudo da depreensão e levantamento dos fonemas; b) a fonologia, o estudo dos fonemas em suas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas.

Essa ciência está atrelada ao estudo de cada unidade sonora dentro da palavra. Analisa seus fonemas dentro do sistema da língua considerando a possibilidade de permutas de fonemas que, por consequência, ocasionarão mudança de sentidos (são as chamadas variantes posicionais, combinações e condições prosódicas, descritas por Camara Jr.). Por exemplo: **casa** - **capa**; **muro** - **mudo**.

1.1 Vogais

Dentre os sons produzidos pelo nosso aparelho fonador, encontram-se as vogais. Não há obstrução da passagem do ar no processo de produção vocálica. Em uma análise leva-se em conta a altura e posição da língua.

Silva (2017, p. 66), no que se refere às vogais, diz:

[...] a passagem da corrente de ar não é interrompida na linha central e, portanto, não há obstrução ou fricção no trato vocal. Segmentos vocálicos são descritos levando-se em consideração os seguintes aspectos: **posição da língua** em termos de **altura**; posição da língua em termos anterior/posterior; arredondamento ou não dos lábios.

As vogais fazem o interior da boca estreitar. Isso acontece, porque a língua se levanta indo de encontro ao palato, e o espaço que existia diminui.

Quanto à altura da língua, posição vertical, Silva (2017, p. 66) explica que: “Na descrição do português devemos considerar quatro níveis de altura: alta, média-alta, média-baixa, baixa”.

No que se refere à posição horizontal da língua (anterioridade/posterioridade), a autora (2017, p. 67- 68) relata: “Divide-se a cavidade bucal em três partes simétricas. Uma parte localizada a frente da cavidade bucal (anterior) e uma parte localizada na parte final da cavidade bucal (posterior). Entre estas duas partes tem-se uma parte central.”

Silva (2017) ainda explana sobre o arredondamento ou não-arredondamento dos lábios na produção dos segmentos vocálicos relacionados com a altura da língua:

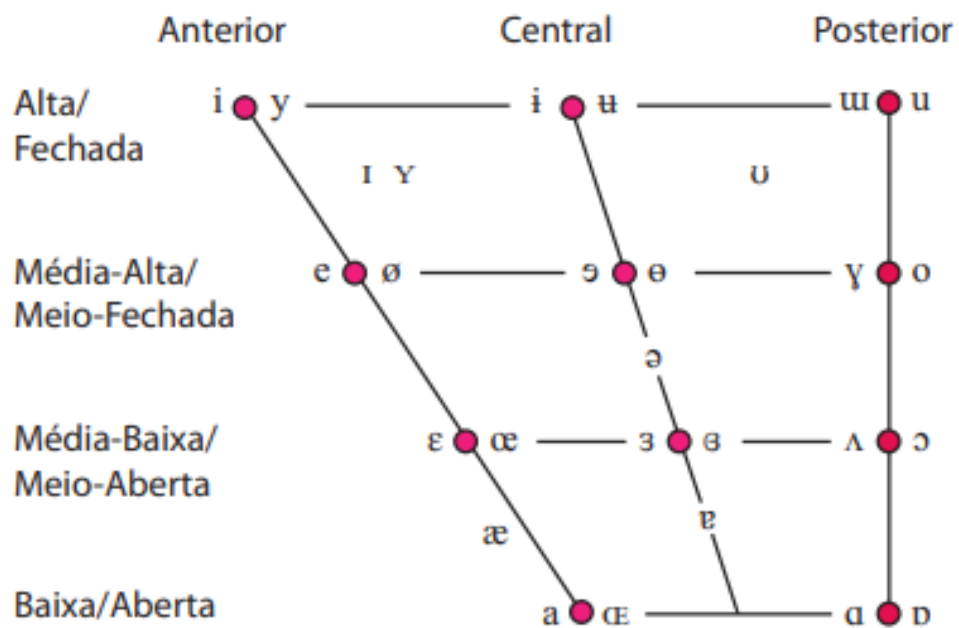
Tabela 1- Arredondamento (ou não) dos lábios e altura da língua

	Lábios estendidos	Lábios arredondados
Alta ou fechada		
Média-alta ou média-fechada		
Média-baixa ou média-aberta		
Baixa ou aberta		

Fonte: SILVA, 2017, p. 69.

Abaixo segue uma representação esquemática dos símbolos das vogais, segundo a International Phonetic Association (IPA):

Figura 1 – Tabela de vogais.



Fonte: SEARA; NUMES; LAZZAROTO-VOCÃO, 2011

De acordo com Silva (2017), a nasalização das vogais é causada pelo abaixamento do véu palatino e a altura da língua. Sendo assim, quando a língua se encontra em uma posição baixa, juntamente ao véu palatino, tem-se as condições perfeitas para a produção de uma vogal nasal. Quando isso acontece, há a interação da cavidade faríngea com a nasofaríngea.

1.2 Consoantes

Silva (2017, p. 26) assinala: “Entendemos por segmento consonantal um som que seja produzido com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar podendo ou não haver fricção.”

As vibrações produzidas pelas pregas vocais ressoam pela cavidade orofaríngea e são manipuladas pela base da língua, que, por sua vez, obstrui total ou parcialmente a passagem da corrente de ar.

Silva (2017, p. 32), aborda as classificações das consoantes quanto ao lugar de articulação e à atividade ou passividade:

Bilabial - Consiste na atuação do lábio inferior (ativo) sobre o superior (passivo). Exemplos: **pá**, **boa**, **má**.

Labiodental - Há a atuação do lábio inferior (ativo) sobre os dentes incisivos superiores (passivos). Exemplos: **faca**, **vá**.

Dental - Há a ação do ápice ou da lâmina da língua (ativo) sobre os dentes incisivos superiores (passivos). Exemplos: **data**, **sapa**, **Zapata**, **nada**, **lata**.

Alveolar - Consiste na ação do ápice ou a lâmina da língua (ativo) sobre os alvéolos (passivos). Exemplos: **data**, **sapa**, **Zapata**, **nada**, **lata**.

Alveolopalatal (ou alveopalatal) - Há uma ação da parte anterior da língua (ativo) sobre a parte medial do palato duro (passivo). Exemplos: **tia**, **dia** ([tʃ] e [dʒ]), **chá**, **já**.

Palatal - Há uma ação da parte média da língua (ativo) sobre a parte final do palato duro (passivo). Exemplos: **banha**, **palha**.

Velar - Consiste na ação da parte posterior da língua (ativo) sobre o véu palatino ou palato mole (passivo). Exemplos: **casa**, **gata**, **rata** (o som **r** de “rata” varia dependendo do dialeto). É indicado aqui a pronúncia que ocorre no dialeto carioca.

Glotal - Os músculos ligamentais da glote atuam como articuladores. Exemplo: **rata** ([h]) (na pronúncia típica do dialeto de Belo Horizonte).

Atribui-se a característica *ativo* ao articulador que exerce força/ação sobre o outro articulador, a saber, o passivo. Já o articulador denominado *passivo* é aquele que, de certa forma, está parado e recebe a força/ação do articulador ativo.

Em continuação, Silva (2017, p. 33 - 34) classifica as consoantes quanto à maneira/ ao modo de articulação:

Oclusiva - Obstrução total da corrente de ar. O véu palatino se levanta e o ar encaminha-se para a cavidade oral. Consoante oclusivas são consoantes orais. As oclusivas são: **pá, tá, cá, bar, dá, gol**.

Nasal - Obstrução total da corrente de ar. O véu palatino se abaixa e o ar dirige-se às cavidades nasal e oral. As consoantes nasais são: **má, nua, banho**.

Fricativa - Obstrução parcial que gera fricção. As consoantes fricativas são: **fé, vá, sapa, Zapata, chá, já, rata**.

Africada - A princípio os articuladores produzem obstrução completa na passagem da corrente de ar com o véu palatino levantado. Ao fim dessa obstrução ocorre fricção causada pela passagem central da corrente de ar. O véu palatino continua levantado durante a produção de uma africada. Africadas são consoantes orais. As consoantes africadas são: **tia, dia**. Imagine as pronúncias “tchia” e “djia” para estes exemplos.

Tepe (ou vibrante simples) - O articulador ativo toca rapidamente o articulador passivo ocorrendo uma rápida obstrução da passagem da corrente de ar através da boca. O tepe ocorre em: **cara, brava**.

Vibrante (múltipla) - O articulador ativo toca algumas vezes o articulador passivo causando vibração. Em alguns dialetos do português ocorre esta variante em expressões como “**orra meu!**” ou em palavras como “**marra**”. Pode-se, por exemplo, pensar no fonema [r̄] da língua espanhola, que é produzida de forma vibrante.

Retroflexa - O palato duro é o articulador passivo e a ponta da língua é o articulador ativo. A produção da retroflexa geralmente se dá com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção do palato duro. Ocorrem no dialeto “**caipira**” e no sotaque de norte-americanos falando português como nas palavras: **mar, carta**.

Laterais - O articulador ativo toca o articulador passivo e a corrente de ar é obstruída na linha central do trato vocal. O ar é expelido pelas laterais. As laterais ocorrem em: **lá, palha, sal** (da maneira que “sal” é pronunciada no **sul** do Brasil ou em Portugal).

2 MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO

Monotongação e ditongação são dois processos pertencentes ao ramo da linguística. Tais ocorrências consistem na alteração na fala e na escrita, mais especificamente, trata-se a monotongação de um apagamento de semivogal e a ditongação de uma inserção de semivogal.

Para Hora e Aquino (2012, p. 5-6):

O sistema ortográfico do português do Brasil, representado nas gramáticas normativas e nos manuais de ensino da língua, reconhece como ditongo o encontro de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba. Funcionam como semivogais o i e o u, que são representados fonologicamente por /y/ e /w/. No entanto, nem todo vocábulo que comporta um ditongo na escrita tem o mesmo comportamento na fala espontânea. Assim, em vocábulos como *faixa*, *feira*, *vários*, que o sistema ortográfico considera portadores de ditongo, na língua falada, esses mesmos vocábulos podem comportar uma vogal simples, o monotongo, <f~~a~~xa>, <f~~e~~ra>, <város>; já outros, como *leite*, *jeito*, *paí*, por exemplo, não permitem o apagamento da semivogal.

No que tange à definição de monotongação, Hora e Aquino (2012) explicam que nem todos os vocábulos comportam um ditongo, nem na escrita nem na fala. Os ditongos contidos nas palavras escritas podem não se manterem quando são pronunciadas, pois seu apagamento é permitido.

Os autores completam dizendo: “O processo de monotongação, aqui referido, é resultante, portanto, do apagamento das semivogais [y] e [w], o que ocasiona a redução do ditongo a vogal simples, o monotongo.” (HORA; AQUINO, 2012, p. 6). “Contudo, essa particularidade do ditongo quase não é discutida nas gramáticas normativas” (HORA; AQUINO, 2012, p. 5-6).

Mesmo sendo um processo antigo e frequente, há poucas discussões destinadas a esse assunto em gramáticas normativas. Por que a monotongação tem poucas discussões se é um processo que gera dúvidas frequentemente?

Na concepção de Camara Jr. (2011, p. 211 – adaptado), o processo de monotongação é:

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples, como a passagem em latim de *ae* para /è/ e em latim vulgar de *au* para *o* (*pauper* > **popper*; port. *pobre*). Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, MONOTONGO à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem cuidadosa. Entre nós, há nesse sentido o monotongo *ou* /ô/, em qualquer caso, e *ai* /a/, *ei* /ê/ diante de uma consoante chiente; exs.: (p)*ouca* como (b)*oca*, (c)*aixa* como *acha*, (d)*eixa* como *fecha*.

Camara Jr. (2011), de forma similar a Hora e Aquino (2012), fala sobre a transformação de um ditongo para um monotongo. Ele ainda chama a atenção para os ditongos que são mais prováveis de serem monotongados e as consoantes que possibilitam esse processo fonético: ditongo *ou* é monotongado (/ow/ → [o]) em qualquer caso: pouca- poca, beijo-bejo etc., mas os ditongos *ai* (/ay/ → [a]) e *ei* (/ey/ → [ê]) se monotongam diante de uma consoante chiada: deixa- dexa, caixa- caxa etc.

Segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 148): “Monotongação é o processo pelo qual um ditongo passa a ser produzido como uma única vogal. Nesse caso, há um apagamento do glide.”. As autoras ainda apresentam um quadro contendo os ambientes que favorecem a monotongação (apagamento do glide):

Tabela 2 - Exemplos de ambientes de ocorrência de monotongação dos ditongos decrescentes [ej] e [oj] no pb.

Exemplo	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Peixe	[ˈpejɪ] ou [ˈpeɪɪ]	/ˈpeife/
Roteiro	[hoˈtejrɨ] ou [hoˈterɨ]	/roˈteiro/
Queijo	[ˈkejʒɨ] ou [ˈkeʒɨ]	/ˈkeiʒo/
Freira	[ˈfrejre] ou [ˈfrere]	/ˈfreira/
depois	[deˈpojʃ] ou [deˈpoʃ]	/deˈpoiS/

Fonte: SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 148 (adaptado).

Quanto à ditongação, Hora e Aquino (2012, p. 5-6), explicam:

A ditongação é um processo que ocorre em direção contrária à monotongação. Enquanto nesta existe a supressão da semivogal, na ditongação há a inserção. Assim, a ditongação pode ser entendida como um fenômeno essencialmente fonético, cuja realização acontece na fala; estando, portanto, sujeita a variações sociolinguísticas (linguísticas e extralinguísticas), a exemplo do tamanho do vocábulo, do contexto fonético, da escolarização, do nível de registro de fala etc. (HORA; AQUINO, 2012, p. 9).

Os autores dizem ser a ditongação um fenômeno fonético e que está sujeita a variações linguísticas.

Camara Jr. (2011), observa:

No português moderno deu-se a ditongação em mais dois casos: 1) vogal tônica em hiato, quando: a) média anterior com o desenvolvimento de um ditongo /éy/ ou /êy/, indicando na grafia moderna (ex.: idéia, veia); b) média posterior fechada com o desenvolvimento de um ditongo /ôw/, não indicado na grafia e inexistente nas zonas dialetais em que houve a monotongação (v.) do ditongo /ôw/ (ex.: *boa*, pronunciado /bôwa/); 2) dialetalmente, para vogal tônica final travada por /s/ pós-vocálico, com o desenvolvimento dos ditongos

de pospositiva /y/ (ex.: *pás, és, fez, sós, flux, cãs*, pronunciados então- /pays/, / feys/, /sóys/, /fluys/, /kay(n)s/). Dá-se então a neutralização da oposição (v.) entre ditongo e vogal simples, desaparecendo a distinção, no caso 2, por exemplo – *pás* e *pais*; *sós* e *sóis*, *flux* e *fluís*, *cãs* e *cães*. (CAMARA JR., 2011, p. 123).

Para o linguista, o processo de ditongação pode ocorrer de duas formas, sendo elas: 1 – a) transformação de uma palavra que originalmente era um hiato em um ditongo (sonoro) por questões de coloquialidade e/ou métrica, como é o caso de *ideia*= hiato- i-dei-a e ditongação- ide-ia e *veia*= hiato- vei-a e ditongação- ve-ia; b) a partir de uma palavra que tem o monotongo /ô/ desenvolve-se o ditongo /ôw/: *boa*- *bôwa*. 2 – Dentro de uma palavra, entre a vogal tônica e o /s/ que se localiza após essa vogal ocorre o acréscimo de uma semivogal (glide): *fez*- *feiz*, *és*- *éis*, *estás*- *estáis* etc.

Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 153-154) dizem que: “Sempre que há acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema, temos um processo de inserção ou epêntese” e elas completam: “Esse processo de inserção, como já vimos, é denominado ditongação.”

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta parte do artigo consiste na explanação da proposta metodológica utilizada para o levantamento de ocorrências dos processos de monotongação e ditongação, verificando se esses processos se dão somente na fala ou se a escrita é acometida por esses processos também, além de ver qual dos dois é o mais ocorrente e analisar quais são os ambientes que propiciam a monotongação e ditongação.

A metodologia será responsável pela apresentação da sala envolvida nas atividades de retextualização, a localização da escola, objetivo desta pesquisa e uma breve descrição dos procedimentos metodológicos abordados para este artigo.

A partir de uma pesquisa de cunho descritivo busca-se observar as ocorrências de monotongação e ditongação na escrita de alguns alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da “E. E. Prof. Álvaro Duarte de Almeida” (Cosmorama-SP) por meio de atividades de retextualização. A finalidade desta pesquisa é: saber se esses processos fonológicos estão presentes somente na fala ou se extrapolam o discurso oral e permeiam a escrita; destacar qual deles se mostra mais frequente; fazer uma análise sobre os ambientes que proporcionam essas ocorrências.

Os estudos acerca da monotongação e ditongação foram pautados nos estudos teóricos de Aquino (2004), Camara Jr. (2011), Cavaliere (2005), Cristóforo (2017), Hora e Aquino (2012) e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015).

O levantamento de ocorrências desses processos foi possível graças as aplicações de atividades planejadas anteriormente que possibilitavam a aparição de alguns casos de escrita monotongada e outros casos de escrita ditongada. Para a realização da pesquisa, foram entregues cerca de 29 folhas com a letra da música e lacunas e 29 folhas com o conto e lacunas (58 atividades diagnósticas no total) e, logo após a confecção delas, foram analisadas pelo graduando/estagiário.

As atividades diagnósticas foram aplicadas em uma escola estadual (PEI) de Cosmorama, 8º ano do Ensino Fundamental II, no interior do estado de São Paulo (SP).

A escola fica localizada próxima ao centro da cidade, mas há grande quantidade de alunos com alto nível de carência financeira, principalmente com habitantes migrados da região nordestina, que vieram em busca de melhoria de vida. A escola escolhida para a aplicação das atividades tem 381 alunos (172 Ensino Fundamental, 201 Ensino Médio e 8 Educação Especial) que são distribuídos em 15 salas em período integral (14 salas para o Ensino Fundamental e Médio e 1 sala para a educação especial).

4 ATIVIDADES E OCORRÊNCIAS DE MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO

No dia 30 de agosto do ano de 2022, as 58 atividades foram aplicadas no 8º ano A. A primeira atividade era letra da música “Emicida- Passarinhos ft. Vanessa da Mata” com algumas lacunas a serem preenchidas com palavras que possibilitavam os processos de monotongação e ditongação. A segunda atividade era um conto chamado “A luz é como a água”, de Gabriel García Márquez (tradução de Diana Margarita)³, aplicado no mesmo formato da primeira atividade.

Para a primeira atividade, com o auxílio do *B-del* e o amparo da professora responsável pelas aulas de língua portuguesa, o graduando/estagiário entregou a atividade 1 aos alunos, explicou como a atividade seria desenvolvida e o que os alunos deveriam fazer e colocou a música para tocar 4 vezes enquanto os

³ Tradução do texto por Diana Margarita: “La luz es como el agua” de Gabriel García Márquez

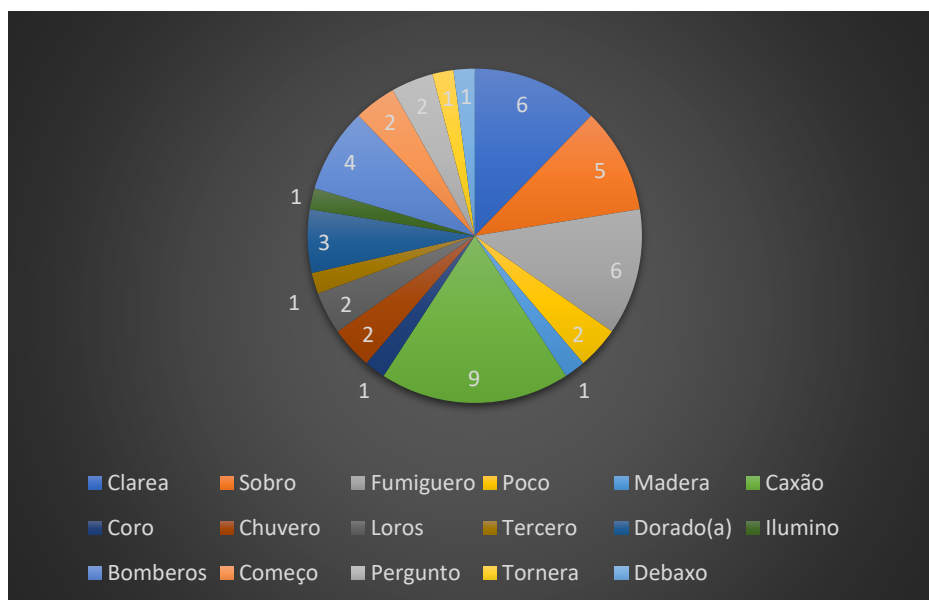
alunos completavam as lacunas. Após o término da complementação da maioria das lacunas, foi entregue a segunda atividade. Para esta, o graduando/estagiário leu o conto integral para a sala por 4 vezes, para que os discentes pudessem preencher as lacunas.

Depois das aplicações, as atividades foram recolhidas, os dados contabilizados e tabelados. Disponíveis na próxima seção.

4.1 As ocorrências de monotongação

A tabulação das ocorrências revelou os seguintes resultados:

Gráfico 1: Ocorrências de monotongação.



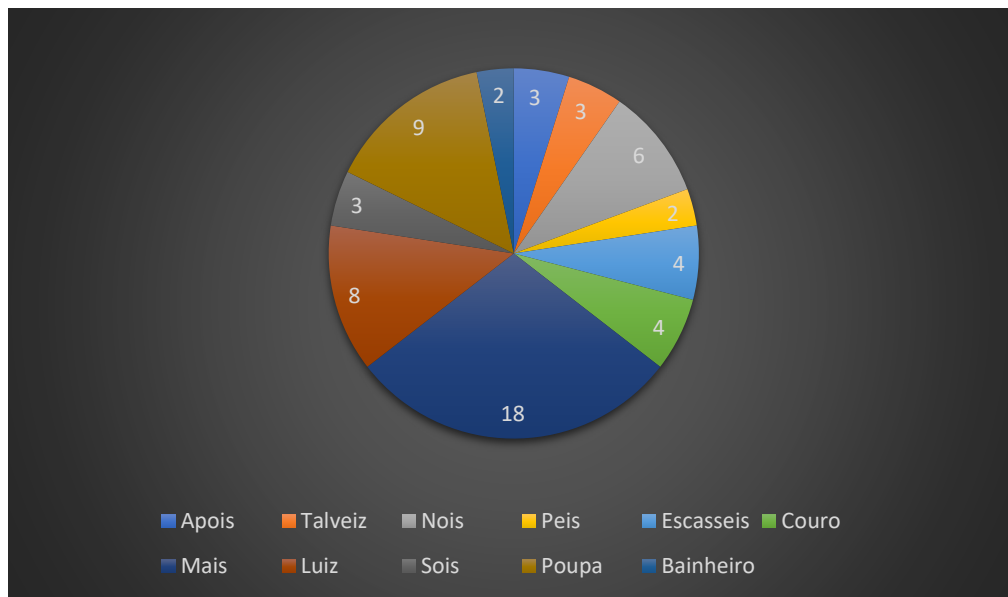
Fonte: dados do autor, 2022.

No decorrer da catalogação dos dados notou-se algumas variações para as seguintes palavras monotongadas: “fumiguero” - “furmiguero”, “formiguero”, “fomiguero”; “caxão” - “cachão”; “poco” - “apoco”; “bomberos” - “bomberus”.

4.2 As ocorrências de ditongação

A tabulação das ocorrências revelou os seguintes resultados:

Gráfico 2: Ocorrências de ditongação.



Fonte: dados do autor, 2022.

No decorrer da catalogação dos dados notou-se algumas variações para as seguintes palavras ditongadas: “escasseis” - “escaseí”, “escaseis”; “poupa” - “polpa”; “talvez” - “taveis”, “talvei”; “bainheiro” - “bainhe”; “luiz” - “Luiz”.

5 ANÁLISE DOS PROCESSOS DE MONOTONGAÇÃO

Com respaldo na obra de Cavaliere (2005), optou-se por fazer uma análise dos ambientes que favorecem o apagamento do glide (processo de monotongação).

Cavaliere (2005, p. 97) diz:

Sabemos que dentre nossos ditongos, três sofrem ou podem ordinariamente sofrer processo de monotongação são: [ay], [ey] e [ow]. Caso estabeleça um critério discriminatório em face das ocorrências silábicas de cada um desses ditongos, verificar-se-á que [ay] pode monotongar-se em sílaba inicial e em sílaba medial (cf. *baixa* [ˈbaʃa] e *encaixe* [ẽˈkaʃi]). Não há ocorrência de monotongação de [ay] numa sílaba final. Quanto a [ey], semelhantemente, as possibilidades de monotongação se prendem às sílabas inicial e medial (cf. *peixe* [ˈpeʃi] e *roteiro* [roˈteru]). Em sílaba final, [ey] não passa a vogal. Já [ow] praticamente só se manifesta nos casos em que a distinção entre /w/ e /l/ se neutraliza em proveito de /w/, como em: *gol* [ˈgow] e *solto* [ˈsowtu]. Afora esses casos, [ow] sempre se monotonga em /o/, seja em sílaba inicial, medial ou final, particularmente em registro coloquial ou distenso (CAVALIERE, 2005, p. 97).

Cavaliere (2005) mostra as posições silábicas que favorecem as ocorrências de monotongação. Então, agora sabe-se que os ditongos [ay] e [ey]

podem ser monotongados em sílabas iniciais e mediais, mas não em finais. Já o ditongo [ow] se monotonga em /o/ nas sílabas iniciais, mediais e finais por causa do registro coloquial. Os dados tabulados das atividades aplicadas aos alunos do 8º ano mostram essas posições iniciais e mediais para o ditongo [ay]; mediais para o ditongo [ey] e para o ditongo [ow] em sílabas iniciais e finais.

Além disso, Cavaliere (2005, p. 97) promoveu um estudo acerca dos elementos vizinhos aos ditongos: “Um levantamento da vizinhança de [ay] e de [ey] nos vocábulos portugueses mostra-nos que esses ditongos perdem a semivogal somente perante consoante de traço palatal, ou seja, mais propriamente perante /ʒ/, /ʃ/. O ditongo /ey/ também perde a semivogal perante /r/.”

A palavra “clareia” sofreu o processo de monotongação (total de 6 ocorrências). Diferentemente das outras, o ditongo desta palavra está perante uma vogal. Aparentemente este caso de monotongação foge das regras propostas por Cavaliere (2005).

5.1 Análise dos ambientes de monotongação

- clareia - /ey/ → [e]: foge das regras propostas por Cavaliere (2005);
- sobrou - /ow/ → [o]: se monotonga em todas as sílabas, seja em sílaba inicial, medial ou final;
- formigueiro - /ey/ → [e]: semivogal diante de tepe (/r/);
- pouco - /ow/ → [o]: se monotonga em todas as sílabas, seja em sílaba inicial, medial ou final;
- madeira - /ey/ → [e]: semivogal diante de tepe (/r/);
- caixão - /ay/ → [a]: semivogal diante de palatal (/ʃ/);
- couro - /ow/ → [o]: se monotonga em todas as sílabas, seja em sílaba inicial, medial ou final;
- chuveiro - /ey/ → [e]: semivogal diante de tepe (/r/);
- louros - /ow/ → [o]: se monotonga em todas as sílabas, seja em sílaba inicial, medial ou final;
- terceiro - /ey/ → [e]: semivogal diante de tepe (/r/);

- dourado(a) - /ow/ → [o]: se monotonga em todas as sílabas, seja em sílaba inicial, medial ou final;
- iluminou - /ow/ → [o]: se monotonga em todas as sílabas, seja em sílaba inicial, medial ou final;
- bombeiros - /ey/ → [e]: semivogal diante de tepe (/r/);
- começou - /ow/ → [o]: se monotonga em todas as sílabas, seja em sílaba inicial, medial ou final;
- perguntou - /ow/ → [o]: se monotonga em todas as sílabas, seja em sílaba inicial, medial ou final;
- torneira - /ey/ → [e]: semivogal diante de tepe (/r/);
- debaixo - /ay/ → [a]: semivogal diante de palatal (/ʃ/);

6. ANÁLISE DOS PROCESSOS DE DITONGAÇÃO

Aquino (2004), utilizou a amostragem do cópuz de VALPB (Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba) para fazer um estudo a respeito da aplicação da regra de ditongação no contexto de sibilantes:

De acordo com os resultados obtidos, a ditongação é fortemente condicionada pela posição e tonicidade da sílaba na palavra. Assim, quando o contexto da sibilante é a sílaba tônica final da palavra, há uma probabilidade de aplicação da regra de ditongação. A ditongação também é aplicada quando a palavra é monossílabo de usoônico ou monossílabo átono. Como o uso da ditongação é pouco frequente nas posições medial e inicial de palavra, um possível prognóstico é que o processo de ditongação está se dando na posição final e se alastrando para a medial e inicial (AQUINO, 2004, p. 47 - adaptado).

Diante do exposto pela autora, conclui-se que a posição e tonicidade das palavras são fortes determinantes de ocorrências de ditongação. Quando há uma consoante sibilante em uma sílaba tônica final, a probabilidade de se ter uma palavra ditongada é grande. Além disso, a ditongação se aplica também aos monossílabos átonos e tônicos.

No decorrer da análise, a autora disse:

Os resultados revelam que as consoantes alveolar surda e palatal sonora são as que mais favorecem a aplicação da regra. Já a palatal surda demonstrou-se forte inibidora. Uma possível justificativa para este fato é que, nos dados analisados, a maior ocorrência de palatal surda está em sílabas iniciais e mediais de palavras (fortes inibidoras da ditongação). (AQUINO, 2004, p. 50).

Ela afirma a ocorrência de ditongação é favorecida com as consoantes: alveolar surda (/s/) e palatal sonora (/ʒ/), mas a palatal surda (/ʃ/) se apresenta como inibidora. Mas a autora se esqueceu de mencionar a alveolar sonora (/z/).

Na tabulação dos resultados colhidos nas atividades, foram identificadas somente as ocorrências de ditongação nos contextos alveolar surda (/s/) e alveolar sonora (/z/).

A palavra “banheiro” sofreu o processo de monotongação (total de 2 ocorrências). Diferentemente das outras, o ditongo desta palavra está perante uma sílaba nasal palatal (/ɲ/). Aparentemente este caso de ditongação foge das regras propostas por Aquino (2004). O mesmo vale para as palavras “coro” (/r/) tepe alveolar e “popa” plosiva bilabial (/p/).

6.1 Análise dos ambientes de ditongação

- após - tem-se como ambiente uma alveolar surda, portanto, aplica-se a regra de ditongação (após→ apóis);
- talvez - tem-se como ambiente uma alveolar sonora, portanto, aplica-se a regra de ditongação (talvez→ talvez);
- nós - tem-se como ambiente uma alveolar surda, portanto, aplica-se a regra de ditongação. Além disso, tem um monossílabo (nós→ nóis);
- pés - tem-se como ambiente uma alveolar surda, portanto, aplica-se a regra de ditongação. Além disso, tem um monossílabo (pés→ péis);
- escassez - tem-se como ambiente uma alveolar sonora, portanto, aplica-se a regra de ditongação (escassez→ escasseiz);
- coro - o trabalho de Aquino analisava os contextos sibilantes /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/. Portanto esta regra foge àquelas propostas por Aquino, já que esta palavra está perante tepe (/r/);
- mas - tem-se como ambiente uma alveolar surda, portanto, aplica-se a regra de ditongação. Além disso, tem um monossílabo (mas→ mais);

- luz - tem-se como ambiente uma alveolar sonora, portanto, aplica-se a regra de ditongação (luz → luiz);
- sós - tem-se como ambiente uma alveolar surda, portanto, aplica-se a regra de ditongação. Além disso, tem um monossílabo (sós → sóis);
- popa - o trabalho de Aquino analisava os contextos sibilantes /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/. Portanto esta regra foge àquelas propostas por Aquino, já que esta palavra está perante plosiva bilabial (/p/);
- banheiro - o trabalho de Aquino analisava os contextos sibilantes s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/. Portanto esta regra foge àquelas propostas por Aquino, já que esta palavra está perante uma nasal palatal (/ɲ/);

7 A RELAÇÃO FALA E ESCRITA

Diante das atividades realizadas, pensa-se que um possível ocasionador dos processos de monotongação e ditongação seja a interferência da fala na escrita. Vive-se em um período que se utiliza muito da oralidade e talvez seja ela a responsável pela alteração tanto na fala quanto na escrita. No dia a dia se fala de forma descontraída e rápida, isso faz com que seja subtraída dos ditongos ou somada aos monotongos uma semivogal. A partir desse pensamento, faz-se necessário abordar em sala a relação entre fala e escrita.

Sobre a relação entre fala e escrita, Marcuschi (2010):

Hoje é impossível investigar *oralidade e letramento* sem uma referência direta ao papel dessas duas práticas na civilização contemporânea. De igual modo, já não podem observar satisfatoriamente as semelhanças e diferenças entre *fala e escrita* (o contraponto formal das duas práticas acima nomeadas) sem considerar a distribuição de seus usos na vida cotidiana. Assim, fica difícil, se não impossível, o tratamento das relações entre estas últimas, centrando-se exclusivamente no código. Mais do que uma simples mudança de perspectiva, isto representa a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto, agora vistos como um *conjunto de práticas sociais*. (grifos do próprio autor) Marcuschi (2010, p. 15).

Trazendo o discurso do teórico para a temática deste artigo, é muito importante considerar as duas práticas, a fala e a escrita, para a análise das atividades acerca dos processos de monotongação e ditongação, visto que, pelo menos, uma parte das ocorrências provavelmente é fruto da prática oral do dia a dia.

Uma vez adotada a posição de que lidamos com práticas de letramentos e oralidade, será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário. Assim, não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os *usos da língua*, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. São as formas que se adequam aos usos e não o inverso. Pouco importa que a *faculdade da linguagem* seja um fenômeno *inato*, universal e igual para todos, à moda de um órgão como o coração, o fígado e as amígdalas, o que importa é o que *nós fazemos* com esta capacidade. E isto que nós fazemos será o objeto central de nossa investigação neste momento. Trata-se de uma análise de usos e práticas sociais e não de formas abstratas. Estas, as formas, estarão sendo analisadas a serviço daqueles, os usos, e não o contrário (MARCUSCHI, 2010, p. 16).

Os professores de língua portuguesa devem considerar o fato de que o uso vai, ao menos, em grande parte reger a língua. Portanto, o foco maior em sala de aula deveria ser as variantes do idioma (os usos da língua) e a partir delas trabalhar as regras da língua.

Já que o ponto central tratado neste artigo é as ocorrências de monotongação e ditongação dentro do Ensino Fundamental II, imaginem a situação na qual o professor se encontra. Os materiais que os professores recebem do estado não abordam certas particularidades da língua materna, tais como: monotongação, ditongação, prosódia, ortoepia etc. Sendo assim, os professores poderiam tentar trabalhar essas temáticas dentro das atividades propostas pelas apostilas e/ou livros didáticos.

Supondo que em uma aula o(a) professor(a) tenha de trabalhar com a leitura de um texto para que depois se desenvolva questões interpretativas a respeito do conteúdo. No decorrer da leitura, o(a) professor(a) pode chamar a atenção dos alunos para algumas palavras que possam ser monotongadas ou ditongadas e o mesmo com as outras temáticas apresentadas no período anterior. Dessa forma, o docente não ‘fugiria’ do conteúdo imposto pelo estado e trabalharia estas questões mais particulares à língua.

CONCLUSÃO

Com a finalidade de descobrir se havia as ocorrências de monotongação e ditongação na escrita dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, obtiveram-se os seguintes resultados.

O artigo possibilitou a descoberta de ocorrências de monotongação e ditongação na escrita dos alunos. Seria possível identificar um hipotético ocasionador das monotongações e ditongações: a fala. De um lado, os focos desta pesquisa foram as ocorrências de monotongação e ditongação, quais são os mais frequentes e os ambientes que favorecem seus acontecimentos. Não se pesquisou a fundo os motivos que favorecem tais processos. Por outro lado, seria possível dizer que um provável fator decisivo para essas ocorrências seria a fala.

Este estudo permitiu o conhecimento de que o maior número de incidências ficou com o processo de ditongação, com um total de 62 incidências, e o processo de monotongação com 49 incidências.

Além disso, pesquisas apontaram os contextos mais propícios para cada um dos processos fonológicos. Para ditongação, quando há uma consoante sibilante em uma sílaba tônica final, a probabilidade de se ter o processo manifestado é grande. A ditongação se aplica também aos monossílabos átonos e tônicos. Também, as ocorrências de ditongações são favorecidas com as consoantes: alveolar surda (/s/) e alveolar sonora (/z/). Além desses casos, ocorreram ditongações diante de uma sílaba nasal palatal (/ɲ/), tepe alveolar (/r/) e plosiva bilabial (/p/). Para a monotongação, ditongo /ay/ pode ser monotongado em sílabas iniciais e mediais. O ditongo /ey/ pode ser monotongado em sílabas mediais. Já o ditongo /ow/ se monotonga em /o/ nas sílabas iniciais e finais por causa do registro coloquial. As ocorrências de monotongação se dão também para /ay/ perante consoante (/f/) e /ey/ perante (/r/). Fora esses casos, houve monotongação de /ey/ perante a vogal /a/.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria de Fátima de Souza. Uso variável do ditongo em contexto sibilante. In: HORA, Dermeval da (org.). **Estudos sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. Santa Maria: Pallotti, 2004.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dOluUunsvc8C&oi=fnd&pg=PT10&dq=Pontos+essenciais+em+fon%C3%A9tica+e+fonologia&ots=FPzdONziJN&sig=GQYCvQKsVQhMKkN6tSQX2UAcfRc#v=onepage&q=ditonga%C3%A7%C3%A3o&f=false>. Acesso em: 15 set. 2022.

CUNHA, Cínthya Nicoléia Maristênia Félix da. **Os processos de monotongação e ditongação na escrita de alunos do 6º ano do ensino fundamental:** um estudo com base nos processos fonológicos. 2017. Dissertação (Mestrado em processos fonológicos) - Mestrado profissional em Letras, Universidade Estadual de Piauí-PROFLETRAS, Teresina, 2017. Disponível em: <https://sistemas2.uespi.br/bitstream/tede/145/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Completa>. Acesso em: 04 mar. 2022.

HORA, Dermeval da; AQUINO, Maria de Fátima de Souza. Da fala para a leitura: análise variacionista. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4986>. Acesso em: 2 ago. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em: <https://doceru.com/doc/558ce50>. Acesso em: 15 set. 2022.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015. ISBN 978-85-7244-882-6. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/24362/pdf/0?code=Op941zAr5AkWEMocJ6ZHgxM2hFSfzYM9ek8utkChet7alyJFjqBqTW+2MagtGod0ulR0Kdv60cOfLK7w8jaWcw==>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2017. 288 p.: il. ISBN 978-85-520-0021-1. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/155304/pdf/0?code=hXT7N9qEVN00DdkmMMhrzhB3FHJ13VqnHfUEpj8lv9CeGcarJ4KQtZzUVxErJhuPBy/Ynq8Z1REoLJSx7C9g2g==>. Acesso em: 20 ago. 2022.